

## A CIDADE E AS LETRAS DE FRANCISCO BARBOZA LEITE E SILBERT DOS SANTOS LEMOS

*Tania Maria da Silva Amaro de Almeida* (UNIGRANRIO)

[tania.amaro@unigranrio.br](mailto:tania.amaro@unigranrio.br)

*Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

[jpinheiro@unigranrio.edu.br](mailto:jpinheiro@unigranrio.edu.br)

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

[idfrazao@uol.com.br](mailto:idfrazao@uol.com.br)

### **Resumo**

A proposta deste estudo é refletir sobre a historicidade do município de Duque de Caxias e perceber como Francisco Barboza Leite e Silbert dos Santos Lemos estabeleceram no seus escritos a relação dos sujeitos com a cidade, no seu próprio tempo, vivendo como cidadãos comuns no cenário urbano. Este artigo apoia-se em Duby (1995), Pesavento (2006), Simmel (1987), Chartier (2002), Vasconcelos (2006), Lima (2010), Sarlo (2014), Calvino (1972), Oliveira (2013), Velho (2013), Marques (2005), Almeida (2014). Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa é de natureza qualitativa, cujo destaque se dá sobre os métodos de interpretação de texto e discursos, estes que se manifestam nas formas de representações literárias que se referem à cidade; além disso, o método comparativo contrapõe as representações da cidade em estilos diferentes, como a prosa de Santos Lemos e a poética de Barboza Leite, testemunhos históricos de sua contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Cidade; Representações Literárias; Duque de Caxias.

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo tem como objetivo principal refletir sobre a historicidade do município de Duque de Caxias e perceber como Francisco Barboza Leite e Silbert dos Santos Lemos estabeleceram no seus escritos a relação dos sujeitos com a cidade, no seu próprio tempo, vivendo como cidadãos comuns no cenário urbano.

Leite e Lemos viveram em Duque de Caxias entre as décadas de 1950 e 1990 e suas obras são muito significativas, pois nos trazem a possibilidade de percepção do cotidiano da cidade, ainda que sejam escritas de estilos diferentes: a prosa de Lemos e a poética de Leite. Assim, afirmamos com Georges Duby que

(...) é necessário descobrir os termos reveladores, e mais que as palavras, as apresentações, as metáforas e a maneira pela qual os vocábulos se acham associados; aqui reflete-se inconscientemente a imagem que tal grupo, num dado momento, tem de si próprio e dos outros. (DUBY, 1995, p. 136)

Os escritos de Barboza Leite e Santos Lemos revelam representações da cidade, com destaque para o tipo de imagem que os autores criaram e/ou reforçaram, sendo

possível reconstruir interpretações que se colocam entre os sujeitos e os cenários no quais estão inseridos. A partir das reflexões de Sandra Jatahy Pesavento, entendermos a literatura desses dois autores como um convite para a reflexão sobre a historicidade do município, como representações da cidade que nos possibilitam identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, ao expressar formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar (PESAVENTO, 2006, pp. 22-23). Para a reconstrução de nossa historicidade, essas obras são fontes literárias relevantes, produtoras de sentidos para a história local e regional, como testemunhos de nosso legado histórico.

## OS AUTORES

Ao analisar a trajetória de Francisco Barboza Leite, percebemos que ecoa entre aqueles que o conheceram, conviveram com ele ou que se debruçam sobre pesquisas em suas obras, a sua atuação como um artista múltiplo.

Esse artista, nascido em Uruoca, no Ceará, saiu de sua terra natal em 1936, indo para Fortaleza em busca de garantia do sustento e continuidade dos estudos. Retocador de fotografias, desenhista, pintor, poeta, escritor, ilustrador, técnico de recursos audiovisuais, compositor, cordelista, entre outras tantas experiências, como Rogério Torres o apresenta em sua obra *Caxias de Antigamente* (TORRES, 2015, p. 217-225), Barboza Leite chegou a Duque de Caxias em 1952. Era amigo de Solano Trindade, com quem trabalhava no IBGE e que o trouxe para a cidade, onde colaborou intensamente nos campos da cultura e educação.

Mas quem era esse Barboza Leite, discretamente desdenhado por nossos acadêmicos, mestres e doutores? Barboza Leite foi (e continua sendo) a figura mais expressiva da intelectualidade caxiense. Sem panfletarismos [sic], sectarismos ou atitudes demagógicas – coisas tão bem-vindas aos nossos intelectuais e militantes políticos - conseguiu dobrar habilmente os donos do poder e impor muitos dos seus projetos educacionais e culturais. Até instituições conservadoras, como o Colégio Santo Antônio, abriram as suas portas para o sertanejo cosmopolita. (TORRES, 2015, p. 217-218)

Além de todas as características citadas, revelou-se esse artista múltiplo, atuando ainda como jornalista, ensaísta, cenógrafo e ator. De acordo com Alexandre dos Santos Marques (2005, p. 32), Barboza Leite, que chegou à cidade na década de 1950 e apesar da ampla participação nos jornais locais e de muitas publicações, somente no ano de 1980 lançaria uma obra sobre a história da cidade. Nesse ano, Barboza publicou, em parceria com Rogério Torres, “Duque de Caxias: Foto Poética” e, quatro anos depois, os

cordéis “A Grande Feira de Duque de Caxias” e “A Verdadeira História da Cidade de Duque de Caxias”. Em “Duque de Caxias: Foto Poética”, o texto, em prosa lírica, apresenta-se entremeado de fotografias de personalidades locais, espaços públicos e prédios históricos, além de mapas históricos e trechos de jornais com reportagens sobre a cidade. A narrativa procura relacionar o desenvolvimento da região às ações das lideranças políticas e à colaboração das camadas populares.

Conforme descreve Torres, Barboza Leite percebia a cidade de Duque de Caxias como um microcosmo cultural miscigenado, criado em função da sua população emigrante (TORRES, 2015, p. 222). Ao confrontarmos esta descrição com as obras de Leite, podemos perceber a formação de um artista em uma cidade interculturalizada, que também percebe a cultura, em suas vertentes, de forma integrada.

Nessa mesma época, encontramos Silbert dos Santos Lemos, ex-repórter de polícia, colunista social e delegado, relatou em suas obras o submundo duquecaxiense entre as décadas de 1950 e fins de 1970. A cidade, contextualizada por Santos Lemos a partir do jogo, prostituição e violência, foi demarcada pelo autor sob o viés da marginalidade e poder político (ALMEIDA, 2014, p. 33).

Silbert dos Santos Lemos nasceu no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, no dia 19 de agosto de 1928, e faleceu em Duque de Caxias no mês de outubro de 1987, devido a complicações com diabetes e enfisema pulmonar. Santos Lemos chegou a Duque de Caxias no ano de 1953, para substituir o repórter policial Barreira como correspondente de jornais do Rio de Janeiro, *A Notícia* e *O Dia*. Permanecendo na cidade, exerceu os cargos de escrivão e delegado, após formar-se em Direito. Foi um dos fundadores da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes e participou da União Brasileira de Trovadores e da Sociedade e Cultura Artística de Duque de Caxias (ALMEIDA, 2011, p. 83).

O estilo jornalístico direto e o caráter testemunhal de seus textos, já que o autor, como jornalista policial, conviveu com esses protagonistas e com “o ambiente asqueroso que chegou a transformá-lo num alcoólatra” (LEMOS: 1967, p. 10), permitem-nos perceber, com clareza, os limites por onde os moradores lutavam para sobreviver e como essas experiências coletivas construam e operavam um segmento social marcado pela miséria, pelo vício e pela violência.

Santos Lemos, apesar de seus dramas pessoais, manteve serenidade suficiente para construir uma obra literária rica em informações, curiosa e de denúncia das mazelas sociais. Sua posição em nossas letras é impar. Através dos livros

que publicou, com os próprios recursos, desfilam tipos humanos que povoam as páginas policiais. São anti-heróis (tornados heróis na poesia “Santo Verdade”, de Newton Menezes) de carne e osso, com registro de batismo e - algumas vezes - endereço conhecido.  
(TORRES, 2015, p. 214-215)

Segundo o próprio Lemos, que já tinha se tornado advogado e delegado quando escreveu seus livros, da *Coleção Crimes que Abalaram Caxias*, eles tiveram uma publicação muito difícil, devido, talvez, por tratarem de questões que a maioria gostaria de silenciar. Em um dos prefácios, por exemplo, o médico e proprietário de casa de saúde na cidade, Ricardo Augusto Vianna, chega a afirmar que “esperamos (...) que também focalize (...) não o ontem que nos envergonha, mas o hoje que nos envaidece” (LEMOS, 1980, p. 5).

Pensar as contribuições desses dois autores para a fim de perceber as representações sobre o município de Duque de Caxias faz com que observemos seus diferentes olhares sobre a cidade. Sob a ótica de Georg Simmel, podemos dizer que cada um foi moldado em sua especialidade e “essa especialização torna um indivíduo incomparável a outro e cada um deles indispensável na medida mais alta possível” (SIMMEL *apud* VELHO, 1987, p. 11).

As fontes literárias locais revelam, com muita potencialidade, os aspectos da vida urbana e cotidiana do município de Duque de Caxias. A crônica, na obra de Santos Lemos, e a poesia, na obra de Barboza Leite, mesmo com estilos diferentes e particularidades literárias, são igualmente válidas como fontes históricas. As fontes literárias locais produzidas por nossos autores revelam diferentes sensibilidades na apreensão e representação da realidade.

## **AS LETRAS E A CIDADE**

No que diz respeito à promoção de uma história cultural no município, podemos notar uma identificação com as ideias de Roger Chartier (2002), quando ao escolhermos as obras de Barboza Leite e Santos Lemos, identificamos a construção de uma realidade social, que pode ser pensada e lida nos escritos destes autores. A percepção que fazem do cotidiano social duquecaxiense é produtora de estratégias e práticas que justificam e legitimam as escolhas e condutas de suas personagens.

A história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e

delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se intelegível e o espaço ser decifrado. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Em suas obras, Barboza Leite e Santos Lemos, abrem espaço para o discurso da realidade social dos trabalhadores, dos excluídos, dos marginalizados, da luta por representação deste espaço da sociedade. Cada um, a seu modo, conta a história da cidade, lançando seus olhares sobre sua contemporaneidade, fazendo com que suas personagens reais, os habitantes possam ser lidos, interpretados e, a fim de decifrar o seu espaço, que é a cidade.

Para Chartier, documentos trazem palavras, expressões e estilos de escrita cujo sentido só é possível perceber quando colocados em seus contextos próprios de produção e circulação. As representações desses autores que espelham ideias e concepções que refletem relações, interesses e mecanismos pelos quais grupos tentam impor a sua concepção do mundo social, os seus valores e o seu domínio (CHARTIER, 2002).

Se por um lado, Francisco Barboza Leite foi o emigrante que chegou a Caxias e com sua arte foi capaz de reintroduzir a imaginação e a linguagem ao espaço, lançando seu olhar à cidade sob uma nova ótica, atribuindo a ela significado e absorvendo-a, sendo por ela absorvido, tornando-se cidadão; por outro lado, nas obras de Santos Lemos, observamos uma cidade contada a partir da transgressão, de um olhar sobre a realidade vivida, sem a cumplicidade que se abriga no olhar cúmplice da arte.

Vivenciamos, em ambas as obras, exemplo do esforço de Simmel em dar resposta à acomodação da personalidade aos ajustamentos de forças externas.

O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. (SIMMEL in VELHO, 1987, p. 12)

Sob tal ótica, analisamos as diferentes impressões sobre a cidade nas obras de Barboza Leite e Santos Lemos, percebendo as acomodações e contrastes que o cotidiano urbano moldou em cada um desses autores. Por exemplo, Santos Lemos evidencia uma ausência do Estado no município, que crescia apoiado em iniciativas particulares, na falta de fiscalização, no lenocínio e na contravenção (LEMOS, 1980, p.26).

Lemos chamava Duque de Caxias de “cidade aberta”, onde prevalecia a corrupção, a prostituição, o jogo do bicho, a maconha, a discriminação racial e a violência policial, que se manifestava nas torturas e extermínio de presos, principalmente de negros.

Nas memórias de Santos Lemos, está claramente a denúncia da dupla face da cidade: miséria e prosperidade. Para ele, nessa cidade todos ganhavam com a jogatina: os funcionários, o comércio, a construção civil e a polícia, que recebia pelo silêncio e pela proteção.

De outra forma, Barboza Leite faz uma exaltação às belezas naturais e a um esforço de construção da cidade, pautado no trabalho de seu povo, tal como podemos verificar em *Exaltação à Cidade de Duque de Caxias*, composição do autor – letra e música –, com os arranjos sinfônicos do maestro Clóvis Ferreira Lima, e que se tornou o hino do município, através da Lei nº 1616, de 28 de dezembro de 2001, de autoria do vereador Laury Villar. Entretanto, o hino foi executado pela primeira vez no encontro de trabalhadores do município, na década de 1960, no Sesi de Duque de Caxias. Apesar de ser tocado em vários eventos públicos, o hino só passou a ser oficial depois de mais de 40 anos.

Todo arvoredo é uma festa  
de pardais acordando a cidade.  
Toda a cidade é uma festa de metais  
em inesperada atividade.  
Caxias, ecoam clarins sobre tuas colinas;  
o sol é uma oferta de cores sobre tuas campinas.

Quando mal adormeces já estás levantada:  
És do trabalho a namorada.  
Tuas fábricas se contam às centenas.  
Um grande povo teu nome enaltece,  
Construindo riqueza, inspirando beleza  
Que ao Brasil oferece  
Nesta baixada onde Caxias nasceu,  
O progresso é o lema que o trabalho escolheu.

De plagas distantes, deste e de outros países,  
São os teus povoadores,

Toda essa gente no esforço viril,  
de fazer do teu nome um pendão do Brasil.  
(LEITE, 2011, p. 2)

A trajetória de Barboza Leite tomou consistência em sua obra, ao delinear seus projetos, ao fazer da cidade de Duque de Caxias um tema importante a ser discutido, significado, representado. Mesmo não sendo um conhecedor dos princípios acadêmicos, conseguiu representar a cidade, seus habitantes, seu espaço, em letras, tintas e versos, com propriedade que possibilita a todos que se debruçam sobre sua obra, (re)conhecer este espaço vivenciado e vivido pelo artista.

Quando chegou a Duque de Caxias, a cidade era pouco mais que uma estação de trens maria-fumaça, cercada de casas humildes em ruas sem calçamento, esgoto e água encanada. Entretanto, tinha algo que encantava aquele cearense do sertão: uma população emigrada que criara um verdadeiro microcosmo cultural miscigenado. Em Caxias, Barboza se sentia em “casa”, pois tinha o seu “sertãozinho” a poucos quilômetros da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. (TORRES, 2015, pp. 221-222)

Francisco Barboza Leite integra sua obra ao conhecimento *in loco* que adquire, vivenciando a formação do espaço, da história em permanente construção. Podemos perceber em *A Diversidade Cultural e o Ensino de Arte*, de Sônia Tramujas Vasconcelos (2006), que a autora atrela o conhecimento a uma visão social de mundo, refletida em práticas educativas e seleção de conteúdos. Tal conhecimento, na visão de Vasconcelos, deve ser discutido e analisado para que resulte em ações e reflexões conscientes.

O conhecimento, o saber, está ligado a uma visão social de mundo que se reflete na prática educativa e na seleção de conteúdos. A educação consciente implica opção e esta se liga a determinados valores, pontos de vista e pressupostos. Todo conhecimento é relativo a uma certa perspectiva, orientada por uma visão social de mundo, vinculada a um momento histórico. Mas este conhecimento precisa ser discutido, analisado, propiciando uma reflexão e uma ação mais consciente do professor e do aluno. Nesta perspectiva, aprender é compreender que a inserção de diferentes contextos, pontos de vista e culturas ampliam a percepção/compreensão sobre a heterogeneidade do mundo contemporâneo. (VASCONCELOS, 2006, p. 194)

Quem, ao ler *A Grande Feira de Duque de Caxias*, cordel de Barboza Leite, não reconhece as curvas que esta faz ao longo da avenida? A malandragem? Os sabores e dissabores da feira? O sofrimento dos feirantes?

Enquanto a feira prossegue  
feito uma cobra a andar  
caro leitor não se esfregue  
na moça que quer passar  
-sou amigo em lhe avisar:  
pode atras vir o marido

fingindo-se distraído  
 pega você de bolacha  
 o pau da venta lhe racha  
 para não ser intrometido.  
 (...)

Tem milho assado e cozido  
 e até calça aparece  
 - o que é proibido  
 mas, a lei não se obedece,  
 o comércio se favorece  
 quando chegam do sertão  
 aves de arribação  
 tem preá e até tatu...  
 só não se vende urubu  
 outra espécie em extinção.  
 (LEITE, s/d, p. 5-6)

De acordo com Stélio Lacerda, “a feira livre aos domingos, em Caxias, não era simples lugar para “ir às compras”, mas uma projeção da cultura nordestina na Baixada Fluminense” (LACERDA, 2001, p. 137). A grande feira de Duque de Caxias simbolizava a união do passado nordestino ao presente duquecaxiense do poeta.

A obra de Barboza Leite interliga-se ao seu conhecimento do espaço por ele vivido, representando-o de forma que possa haver interação, integração e reconhecimento que o leitor faz de si e do espaço apresentado pelo autor. Estabelece-se um diálogo entre autor, obra e leitor, pautado em experiências do vivido comuns a todos.

Longe de estar alheio aos problemas sociais, Barboza Leite procurava expressá-los através da forma poética de sua arte. Uma frase de Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima, em *As Transformações Urbanas e suas Implicações na Promoção Humana*, embora atribuída à cidade do Rio de Janeiro, ressalta bem a proposta de Barboza Leite quando “a imagem da cidade precisava, então, ser capaz de criar uma cumplicidade entre ela e seus habitantes, mesmo que nem todos se identificassem plenamente com o urbano”. (LIMA, 2010, p. 93)

Assim como a reforma da cidade do Rio de Janeiro era vista como um produto artístico e técnico, pautado em conceber uma cidade ideal com modelo a ser alcançado (LIMA, 2010, p. 97), percebemos na obra de Barboza Leite, a idealização de crescimento e mudança pautada no progresso.

É a proposta do homem ultrapassando seus limites e os limites de sua área de atividade, como propõe Simmel, e a cidade estendendo-se além de seus limites imediatos.



O homem não termina com os limites de seu corpo ou a área que compreende sua atividade imediata. O âmbito da pessoa é antes constituído pela soma de efeitos que emana dela temporal e espacialmente. Da mesma maneira, uma cidade consiste em seus efeitos totais, que se estendem para além de seus limites imediatos. Apenas esse âmbito é a verdadeira extensão da cidade, em que sua existência se expressa. (SIMMEL in VELHO, 1987, p.21)

Analisando os limites e efeitos impostos ao autor, nas obras de Santos Lemos verificamos o tom denunciador, provocador de tratar a cidade. Em prefácio da obra *O Negro Sabará*, de sua autoria, Lemos expõe de forma crua e realista sua visão da cidade. É para ele, a “Caxias City”, a “Cidade do Pecado”, um “Município constituído, quase em sua maioria, de flagelados do Norte e do Nordeste do País”, mas evidencia – de forma menos poética que Barboza Leite – a entrada do município em uma era de paz e concórdia, trabalho e progresso, com um esforço para se atingir, através do aprimoramento, a perfeição (LEMOS, 1977, prefácio).

A cidade que abrigava, em seus espaços, os pontos de encontro para prosa de companheiros, a exemplo a Praça do Pacificador, tal como relata Lacerda, revela diferentes discursos em sua leitura. Era o espaço das levas de trabalhadores, da gente do povo durante o dia e à noite, dava voz ao discurso dos excluídos e marginais, prostitutas, malandros e viciados que tomavam seu espaço (LACERDA, 2001, p. 126).

De acordo com Marques, para Barboza Leite que, na área cultural, foi o ator social que mais circulou pelos espaços culturais e políticos da cidade e o que mais influenciou a formação de novos intelectuais e grupos culturais, essa Praça era o espaço ideal para a divulgação das atividades culturais da cidade.

[Barboza Leite] afirmou que o seu partido era a cultura. Defendia veementemente em seus artigos a necessidade da construção de uma biblioteca, de um teatro e de uma casa de cultura pelo poder público. Demonstrando sua percepção política, apontava a praça que existia em frente a estação ferroviária como o local ideal para abrigá-los, pois, ali a movimentação de pessoas era considerável. (MARQUES, 2005, p.96)

Como propôs Beatriz Sarlo, em sua obra *A Cidade Vista: mercadorias e cultura urbana*, “não há cidade sem discurso sobre a cidade”. Analisar o que foi escrito por Barboza Leite e Santos Lemos, nos remete à observação sobre o discurso proposta por Sarlo quando escreve: “A cidade existe nos discursos tanto quanto em seus espaços concretos, e, assim como a vontade de cidade a transformou num lugar desejável, o medo da cidade pode transformá-la num deserto em que o receio prevaleça sobre a liberdade” (SARLO, 2014, p. 92).

Em sua romance, intitulado *As Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino imagina um diálogo entre o viajante Marco Polo e o imperador de Cambaluc, atual Pequim, Kublai Khan, sobre as cidades que compunham seu império. Nas imaginadas palavras de Marco Polo, “cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1972, p.17), Calvino dialoga com Sarlo no que tange aos discursos sobre a cidade, quando percebe o indivíduo como responsável pela criação de espaços concretos, de existência indivisível. A vontade ou o medo descritos por Sarlo, ligam-se à cidade feita de diferenças, das cidades particulares de cada indivíduo.

Marco Polo, em sua descrição, revela a Khan que “as cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas” (CALVINO, 1972, p. 20). Em Calvino, percebemos que o indivíduo deve interagir e integrar-se à cidade. Sua presença deve fazer a cidade existir e tornar-se parte de sua história, pois, “a cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar” (CALVINO, 1972, p. 53).

No discurso de cada um, tanto de Barboza Leite, quanto de Santos Lemos, evidenciamos personagens que ajudam a construir a cidade; são agentes que constroem e dão força a memórias e identidades. São personagens reais, não fictícios, que respiram, vivem e sentem a cidade em si; que sofrem as ações, refletem e criam representações da cidade.

Com a experiência da realidade, Santos Lemos vai relatar a história dos transgressores, dos marginalizados, dos conflitos, tensões e desigualdades sociais. São relatos de “uma fase da história do município de Duque de Caxias, fase da qual não nos orgulhamos, mas que, lamentavelmente, não podemos negar” (LEMOS, 1980, p. 7).

Em sua literatura, escancaravam-se as portas de uma galeria que exibia tipos que a sociedade evita dar voz: prostitutas, bicheiros, malandros e marginais de todos os tipos (ALMEIDA, 2014, p. 98).

É fato que Santos Lemos vivenciou, sofreu e, por fim, participou. Contam de suas memórias a crítica à repressão, mas relata que se inseriu na mesma. No último capítulo do terceiro volume, da série de livros *Crimes que Abalam Caxias*, intitulado

*Os Donos da Cidade*, o jornalista comenta acerca de um fato que o fez participar de um dos crimes cometidos pelos investigadores da Delegacia 311 (ALMEIDA, 2014, p. 105).

Mas havia um grave inconveniente: aquele maldito repórter que parecia não gostar de ninguém, ter ódio no coração, não se podia nem dar um tapa num preso, principalmente se fosse preto, que ele estampava nos jornais em que trabalhava. Quanto mais matar... Um investigador mais esperto resolveu o problema: o jeito era levá-lo também naquela viagem às plagas longínquas dos rincões caxienses, em que só os policiais é que voltavam. (...) Fazê-lo matar também. Isto calaria a sua boca, quebraria sua pena, escangalharia sua máquina de escrever. (...) O jornalista, sentindo repugnância, fez pontaria para a testa (...). O derradeiro disparo ecoou pela escuridão da noite. (LEMOS, 1980, p. 140)

Evidencia-se uma interação entre as lembranças de Santos Lemos com a sociedade duquecaxiense e com os grupos dos quais fez parte. Na Duque de Caxias de seu tempo, alguns jornais que existiram, nasceram e viveram às custas das reportagens sobre crimes que ali aconteceram (ALMEIDA, 2014, p. 106). Silbert Santos Lemos conheceu e trilhou a fundo os caminhos do submundo duquecaxiense e testemunhou inúmeros fatos na “Caxias City” que tentou entender. Seus livros nasceram, na própria opinião do autor, devido às decepções que teve na imprensa, quando não conseguia reconhecer suas matérias, pois as alterações realizadas na redação demonstravam que os repórteres eram “aquela peça *sine qua non* na máquina de um órgão de imprensa: obscura, desconhecida e não prestigiada” (LEMOS apud ALMEIDA, 2014, p. 106).

Laís Costa Velho, em sua obra *Caxias - Ponto a Ponto*, aponta a necessidade de se compreender os fatos que levaram Caxias a obter a fama obscura, como relatada nas obras de Santos Lemos. Olhar a formação do município, estar atento aos interesses em jogo e reconhecer o grande crescimento industrial e comercial da cidade, são apontados por Velho como importantes fatores na compreensão da cidade (VELHO, 1965, p. 27).

Muita gente pergunta:

- Por que, Caxias só tem bandidos?

Uma pergunta lacônica e maliciosa. Uma pergunta direta e que traz na boca do inquiridor a prova total do desconhecimento dos problemas. Uma pergunta dirigida, forjada e criada por uma série de problemas e fatores, servindo a um sem-número de interesses particulares.

Na verdade, uma terra fértil, populosa e obreira, não poderia nunca merecer de alguns, uma herança sistemática que terá que arrastar ainda por muitos anos. (VELHO, 1965, p. 27)

Miséria e prosperidade são as duas faces que representavam a cidade de Duque de Caxias. De acordo com Lemos, “se o lema de nossa bandeira era ordem e progresso, o de Caxias era desordem e progresso” (LEMOS, 1980, p.26). As representações da

cidade de Duque de Caxias estavam relacionadas à discriminação racial, miséria e autoritarismo; assassinatos, prisões e torturas; prostituição, jogo do bicho e ausência de um aparato urbano que retratasse essa cidade a ordem na cidade. Uma periferia onde as disputas pelo poder recorriam à coerção e aos desmandos da classe dominante, refletindo-se nos segmentos da população marcada pela miséria e violência. (ALMEIDA, 2014, p. 110).

Em sua obra, *A Centralização do Poder e a Crítica aos “Planejadores” Urbanos: questões para debate sobre a cidade do Rio de Janeiro nos anos 1990*, Rosane Cristina Oliveira apresenta o conceito de cidade a partir da leitura de Henry Lefebvre, que discute a realidade urbana que engloba as classes que habitam a cidade de forma cultural, política e econômica, na formação da sociedade urbana. A cidade é um local de atividades culturais, mediações políticas, disputas por poder e busca por centralidade. (LEFEBVRE apud OLIVEIRA, 2013, p. 57)

Tais eventos são evidenciados na Caxias de Silbert dos Santos Lemos e Francisco Barboza Leite. Contemporâneos em uma cidade que fervilha disputas e tensões. Moldada pela ação de diferentes sujeitos históricos, Duque de Caxias, como objeto de pesquisa e personagem das páginas destes autores, revela-se com várias possibilidades de leitura da realidade social e das disputas políticas operadas na localidade, o panorama social, a discriminação sofrida pela população marginalizada e as práticas violentas e corruptas do poder constituído. (ALMEIDA, 2014, p. 111)

A observação sobre uma sociedade sofrida e marginalizada na cidade de Duque de Caxias também pode ser evidenciada nas obras de Barboza Leite, como em *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Duque de Caxias*. Barboza Leite descreve uma sociedade estruturada em fatores sociais que demandam ações arbitrárias e assume o papel de denunciar a violência.

Diferente de Santos Lemos, Barboza Leite utiliza-se da arte, da poesia. Porém, apesar do romantismo contido em suas palavras, o autor não está alheio à realidade.

Mas, outras instâncias se entremeiam  
em tintas e planos adversos e insólitos.  
E, por que excusar-se o verso de afrontá-los  
- se a vergonha é de todos e a coragem é de poucos.  
até que se enuncie, dos valores aflitos,  
o grito que anule tamanhos absurdos?  
(LEITE, 1986, p. 13)

Nos versos, o autor assume o papel de denunciar a violência e desvelar o fato de que o consentimento de muitos a ela, associa-se ao medo.

São espaços mutilados, como bocas assustadas,  
e como nódoas que irrompem num rosto angustiado.  
(...) Ali a vida sobrevive de milagres e desintegra-se, a  
alma humana, como expungida das graças vitais,  
expungida dos favores divinos; expungindo o homem  
ou discriminado, o ser, de seus direitos naturais?  
(LEITE, 1986, p. 13)

A obra de Barboza Leite, em suas variáveis abriu caminhos para diálogos com redes de relações sociais, aproximando a sociedade de seus espaços de poder, pois se utiliza da arte e cultura como meio de transformação social.

Na obra *Um Antropólogo na Cidade: ensaios de antropologia urbana*, Gilberto Velho atenta para a existência de mediadores que estabelecem comunicação entre grupos e categorias sociais distintos. O mediador, como entendemos que Barboza Leite o seja na cidade de Duque de Caxias, na concepção de Velho, atua potencialmente alterando fronteiras com seu ir e vir, transitando informações e valores. (VELHO, 2013, p. 147)

Ao contar a história da cidade de Duque de Caxias e suas personagens, Barboza Leite mostra-se atento aos seus silêncios e clamores. A cidade adormece e acorda sob o olhar do poeta, que vislumbra o ritmo de seu progresso. Olhar que pode visualizar a dor, o preconceito, a discriminação, marginalidade e violência descritos na obra de Santos Lemos, mas que sob a ótica poética também enxerga a capacidade local como ponto de chegada para muitos, sendo um local fértil e hospitaleiro.

No cordel *Barboza Leite no Rastro dos Impressionistas*, Pedro Marcílio descreve bem o legado de Barboza Leite:

Foi em uma infinidade de tiras  
Que Barboza deixou os traços  
De uma sensibilidade artística  
Bem focada num vivido espaço  
Que se expandiu numa cultura  
Tão bem calcada em seu rastro.  
(MARCÍLIO, s/d, p. 8)

Barboza Leite testemunhou a sua temporalidade e nela fez transitar informações e valores que perpassaram seu tempo e contribuíram para lançar bases para a constituição da cultura na atualidade.

Tanto os escritos de Santos Lemos, quanto a obra de Barboza Leite, resultam de suas experiências do vivido, do tempo nas ruas, na prisão, nos recônditos da cidade, na

feira, na convivência com as mais diversas personagens. Suas obras ligam-se por letras que revelam pessoas reais, legados muitas vezes ao segundo plano, que passariam, sem tomarem forma, sem se tornar parte da história. São letras que dão vida aos marginalizados e, antes, excluídos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. *História e Memória: Santos Lemos e as representações sobre a cidade de Duque de Caxias*. In: **Revista Magistro**. Volume: 1 Número: 1. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2011, páginas: 75-94. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1276/743>.

Acesso em 13 de dezembro de 2015.

ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. **Olhares sobre uma Cidade Refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)**. Dissertação de Mestrado. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2012.

\_\_\_\_\_. **Olhares sobre uma Cidade Refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)**. Duque de Caxias: ASAMIH, 2014.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Biblioteca FOLHA, 1972. Disponível em: [http://monoskop.org/images/c/c7/Calvino\\_Italo\\_As\\_Cidades\\_Invisiveis.pdf](http://monoskop.org/images/c/c7/Calvino_Italo_As_Cidades_Invisiveis.pdf). Acesso em 19 de dezembro de 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002.

COSTA VELHO, Laís. **Caxias, Ponto a Ponto (1953 a 1957)**. Duque de Caxias: Editora Agora, 1965.

DUBY, Georges. *História social e ideologias das sociedades*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995.

LACERDA, Stélio. **Uma Passagem pela Caxias dos Anos 60 (fragmentos de memória e registros diversos)**. Duque de Caxias: Edição do Autor, 2001.

LEITE, Francisco Barboza. **A Grande Feira de Duque de Caxias**. Cordel. Duque de Caxias: Edição do Autor, [19--].

\_\_\_\_\_. **Exaltação à Cidade de Duque de Caxias**. Cordel. Duque de Caxias: Edição do Autor, 2011.

- \_\_\_\_\_. **Trilhas Roteiros e Legendas de uma Cidade chamada Duque de Caxias.** Duque de Caxias: Editora do Consórcio de Administração de Edições, 1986.
- LEMOS, Silbert dos Santos. **Sangue no 311.** Rio de Janeiro: Reper, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Os Donos da Cidade.** Duque de Caxias: Caxias Recortes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **O Negro Sabará.** São João de Meriti: Destaque, 1977.
- LIMA, Jacqueline de Cassia Pinheiro. *As Transformações Urbanas e suas Implicações na Promoção Humana.* In: ROCHA, Geraldo da; NOVIKOFF, Cristina (Orgs.). **Desafios da Práxis Educacional à Promoção Humana na Contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.
- MARCÍLIO, Pedro. **Barboza Leite no Rastro dos Impressionistas.** Cordel. Duque de Caxias: [s.n.], s/d.
- MARQUES, Alexandre dos Santos. **Militantes da Cultura em uma Área Periférica - Duque De Caxias (1950-1980).** Dissertação de Mestrado. Vassouras: USS, 2005.
- OLIVEIRA, Rosane Cristina. *A Centralização do Poder e a Crítica aos “Planejadores” Urbanos: questões para debate sobre a cidade do Rio de Janeiro nos anos 1990.* In: **Revista Magistro.** Vol. 7; Num. 1. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2013. Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1986> Acesso em 22 de outubro de 2015.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e literatura: uma velha-nova história.* In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e literatura: identidades e fronteiras.** Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 22-23.
- SARLO, Beatriz. **A Cidade Vista: mercadorias e cultura urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental.* In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.
- TORRES, Rogério. **Caxias de Antigamente.** Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2015.
- VASCONCELOS, Sônia Tramuja. **A Diversidade Cultural e o Ensino de Arte.** Curitiba: Anais – IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte / Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2006.
- VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade: ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- VELHO, Laís Costa. **Caxias, Ponto a Ponto (1953-1957).** Duque de Caxias: Agora, 1965.